

Sumário



Prefácio ›	11
Apresentação ›	15
Introdução ›	21
1 Limites ›	33
2 Drogas ›	61
3 Irmãos e amigos ›	97
4 Diversões e autonomia ›	107
5 Aprendizagem e futuro profissional ›	123
6 Sexualidade ›	135
7 Família e sociedade ›	151
8 Patologias ›	161

Prefácio



É PRECISO BEM MAIS do que só inspiração para escrever sobre pais e filhos sem parecer piegas ou cair numa argumentação vazia e inconsequente. Da mesma forma, não basta apenas vontade para conseguir perceber e ensinar o sutil limite entre a liberdade de ação e a irresponsabilidade sobre os atos praticados.

É preciso ir além da intenção para atingir e motivar adultos, no sentido de reformular os conceitos errôneos e substituir práticas negativas ou ineficazes.

Em tempos difíceis, muito mais é preciso. Tempos esses que exigem coragem e engajamento para desafiar e superar as crises e o caos que envolve e está dentro de quem adolece, numa época na qual a inversão de valores e as perdas irreparáveis são corriqueiras.

Criar adolescentes é uma arte. Em tempos difíceis, é uma contenda. Escrever sobre esse tema com consciência e bom-senso é uma bênção.

Abençoada arte de uma mulher combativa, que tive o privilégio de conhecer há alguns anos. Já no auge de sua maturidade, mas adolecendo em sua irresistível, ainda que adiada, vocação. A vocação de mergulhar e trazer à tona os conflitos de gerações e as fraquezas dos que supostamente protegem e guiam os mais jovens. Trazer à tona, para a luz e a saúde.

Guiados por seu especial carisma e por seu reconhecido saber, alguns pais e filhos vinham se tornando pessoas melhores, há algumas décadas.

Registrar essa fórmula transformadora, num livro escrito com transparência e firmeza, foi um presente com que brindou muitos mais. Colocar no papel, com generosidade e desapego, toda sua bagagem como psicopedagoga e psicoterapeuta foi um ensinamento pródigo que concedeu a mais gente.

Criando adolescentes em tempos difíceis é a cara de sua autora, por isso convence. Tem o perfil dos livros escritos pela mão da experiência, por isso cativa. Tem a agudeza das lições de vida que acontecem pelo sofrimento, por isso alerta. É capaz de nos transportar à nossa adolescência e, se tivermos um pouco de sorte, nos faz voltar, depois da leitura, mais maduros e menos céticos, mesmo em tempos tão difíceis.

Este livro reflete a instigante questão que alguém, sabiamente, já formulou: tão ou mais relevante que conhecer o mundo que vamos deixar para nossos filhos é nos preocuparmos com que filhos vamos deixar para o planeta.

Parabéns, Betty!

Profa. Dra. Carmita H. N. Abdo

Professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), fundadora e coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP e autora de *Descobrimento sexual do Brasil* (Summus, 2004).

Apresentação



BRINCO DE VOLTAR NO TEMPO. Mergulhar em uma fotografia em preto e branco. Meu avô Nunes, o comandante mor de um frágil barquinho. Na tripulação, seus filhos mais novos, Betty e Rogério, e suas netas mais velhas, eu e minha irmã. Betty tem o remo. Eu e ela olhamos para o fundo do lago, na mesma direção, curiosidades paralelas, mergulhadas no brilho fascinante, ainda vivo, apesar do jogo do tempo. Na força dessa emoção, decido enfrentar a difícil tarefa de apresentar a autora do livro *Criando adolescentes em tempos difíceis*: Elizabeth Nunes Monteiro. Difícil porque não poderei abandonar a memória da menina que se aventurava em desafios infantis inimagináveis para os sobrinhos cariocas, urbanos e estrangeiros àquele universo lúdico e divertido: o sítio de meus avós, seus pais.

Para apresentar minha queridíssima tia e amiga, vou diminuindo e reconstruindo delicados percursos, quando nossa personalidade foi se confirmando: ela, sempre pronta a lançar o remo no corte das superfícies, como no espelho das águas, na foto. A coragem de abrir a mata, cortar o caminho que subia a montanha ladeando o sítio, atravessar as margens com o enorme facão do vô Nunes. A curiosidade de verter o vento, nas cavalgadas com meu irmão, desembestados, sem rumo no prazer destemperado. Mas ela, sempre alerta e guerreira, experimentava antes de todos, com a rica sensibilidade de entender o limite para que nós, outras frágeis meninas cariocas,

a pudéssemos imitar. Era sempre ela a primeira a se divertir, na curiosidade de descobrir o eco do fundo das coisas. Escolhia o peso da pedra para lançar ao fundo do poço. Não foi à toa que escolheu a psicologia como profissão. Betty era tímida e silenciosa no meio dos adultos, destemida e embriagada de liberdade quando nos juntávamos numa galera inacreditável de primos e sobrinhos. Crescia a filha mais nova de imigrantes europeus. Ela, que nascera fora do tempo, crescia na vertente das preocupações — minha mãe e meu tio Orlando, já com três filhos cada um. Nosso herói, Rogério, seu irmão mais velho, sempre nos protegia e nos divertia com as muitas palhaçadas. Criou-se uma ética baseada em risos e rígidos conceitos de educação. Mesmo assim, experimentávamos com liberdade a magia de crescer brincando, imaginando driblar tempestades.

Vejo Betty, agora de mãos dadas com minha avó Felícia, atravessando a cidade, do Brás ao Sumaré! Firmemente, a mãe a levava para novos tempos, e os tempos mudavam mesmo. As mulheres avançavam, as esquerdas avançavam, a ciência avançava, as ditaduras também, procurando cortar, bloquear, estagnar o que não dava para segurar. Nós queríamos estudar, ter profissão, fazer escolhas. Do Rio de Janeiro, vínhamos fugindo do preconceito aos filhos dos primeiros pais que se separavam. Minha mãe voltava para a solidariedade sempre característica de nossa família. O Brasil era muito atrasado, e nossa família, pouco informada das mudanças do século XX. Ela ia vivendo, nos acolhendo, nos perdoadando. Seu Nunes sempre acreditando no futuro; Felícia, no presente: sempre melhor que outros tempos que trouxeram suas famílias para o Brasil.

Éramos lançados uns aos cuidados dos outros e as afinidades e afetos nos aproximavam. Betty, a referência afetiva mais

próxima da juventude, embora muito vigiada por meus avós e irmãos mais velhos, não tinha medo de fazer suas escolhas.

Os “avançados” sobrinhos cariocas voltaram para o Rio. Fomos crescendo longe, mas sempre nos encontrávamos nas férias, depois nas festas em família. E agora, na vida adulta, eu a reencontro com a mesma força de nosso afeto e alegria.

Vivemos caminhos distintos. Ou melhor: não tão distintos assim. Nossas profissões nos identificam. Continuamos a partilhar a mesma curiosidade: eu como diretora, ela como psicóloga, investigamos a curiosa aventura do ser. Olhávamos e ainda olhamos o profundo das coisas. Betty é uma profissional bem-sucedida, amadurecida com a experiência da própria infância e como mãe de uma enorme e bela família. Sua tendência a amar a criançada e os adolescentes na meninice se confirma em sua especialização como terapeuta. Lança seu segundo livro, alertando o mundo adulto a respeitar as fases de crescimento dos filhos. Escreve com emocionante força e grande capacidade de comunicação — esta, sim, surpreendente para mim que, como ela, tinha pouca familiaridade com a palavra. Seus livros são belos e simples, porque apaixonados pela ideia do respeito às diferenças de personalidade e às escolhas.

O primeiro livro evoca a liberdade e a necessidade de brincar. Infância sadia é aquela que explora o direito de vivenciar o lúdico e a magia das pequenas descobertas afetivas no jogo da simples brincadeira.

Já *Criando adolescentes em tempos difíceis* foca a árdua jornada da adolescência. Betty nos lembra de princípios básicos para tentarmos a construção de arcos ou pontes que sustentem a caminhada na conturbada trajetória à vida adulta. Uma aventura perigosa, com certeza.

Entendo que Elizabeth Monteiro, mais uma vez, lança mão de sua rica vivência profissional e humana. Seus estudos e o relacionamento com pacientes trazem convicção e indignação. A maturidade a abraça amorosamente e confirma o que espelhavam antes seus sensíveis olhos gigantes, privilegiados de sabedoria emocional. Ela continua a apoiar e a abrir caminhos, capinar, limpar terrenos, chegar ao profundo do coração de quem a lê, porque se identifica, porque tem a sincera transparência da generosidade. Betty escolheu a difícil tarefa de unir os desencontrados; de proteger, sem apelo partidário, a verdade dos fatos. E o fato é que sua mensagem acalenta, harmoniza e, principalmente, tem o poder de transformar — se, do outro lado, fizermos a nossa parte.

Não é à toa que partilha o espaço de seu livro com um jovem que sonha a poesia.

Obrigada por sua coragem.

Um beijo,

Denise Saraceni

Diretora de núcleo da Rede Globo

Introdução



*Os olhos que me olham são feitos de água:
moldam-se, lavam-se.
O sangue dos corações que por mim batem estancou.
Pessoas de uma sociedade inteira de repente
destinadas a ser olhadas...*

*Olhem só, os olhos que me olham são estrábicos!
Sei que não posso confiar neles,
mas mesmo assim o faço,
Pois os meus olhos, que são paralelos,
só se olham no reflexo de outro olho.*

FERNANDO RINALDI, “COMO EU OLHO OS OLHOS QUE ME OLHAM”

A ADOLESCÊNCIA É o período do desenvolvimento psíquico. Uma fase em que o jovem parece viver uma guerra interna e externa — consigo mesmo e com o mundo.

O adolescente é também um indivíduo estigmatizado.

Observo muitos adolescentes tranquilos sendo forçados a exercer “papéis” que a sociedade lhes impõe: “rebeldes”, “aborrescentes”, “drogados”, “desordeiros”, “delinquentes” etc.

Há adolescentes calmos, que não vivem grandes conflitos. Geralmente são aqueles que tiveram uma boa infância, têm uma família bem estruturada, boa estrutura egoica ou se submetem a um tratamento psicoterapêutico infantil bem-sucedido.

A história da humanidade nos mostra que a “rebeldia” sempre foi a principal marca da adolescência. Desde o antigo Egito até os dias de hoje, os adolescentes sempre foram vistos como aqueles que entravam em conflito com o mundo adulto.

O conceito atual de adolescência prega que, nesse período (que marca a passagem para a vida adulta), ocorre uma grande mudança cerebral e psicossocial.

Para ter uma ideia do que acontece imagine, por exemplo, pesar 30 quilos a mais e crescer 50 centímetros em apenas três anos. Complicado, não é?

Imagine, então, como um adolescente se sente com essa intensa mudança corporal. E não para por aí...

As áreas cerebrais vão mudando aos poucos. Umas amadurecem antes, outras depois. Que confusão! Ele pode ter boa memória, mas também dificuldade de raciocínio.

Por outro lado, sendo um adolescente, precisa de, no mínimo, nove horas de sono, mas gosta de dormir tarde e tem de acordar muito cedo. Isso gera enorme irritabilidade e baixo rendimento escolar. Está vendo só?

E ainda dizem que se trata de um “aborrescente”.

O psicólogo americano Robert Epstein apresenta uma tese muito polêmica, que vem totalmente ao encontro da minha visão de adolescência.

Assim como eu, ele não prega o “extermínio” dos jovens, mas crê que parte do comportamento complicado e problemático dos jovens deve-se à tendência da sociedade de não lhes dar crédito de confiança e responsabilidade.

Ele sugere que paremos de rotular os adolescentes. Assim, a indisciplina, o abuso de drogas, a agressividade e a criminalidade serão bem menores.

É preciso mostrar-lhes sua importância, dando-lhes algumas responsabilidades e confiança.

Em seu livro *The case against adolescence: rediscovering the adult in every teen* [O processo contra a adolescência: redescobrimo o adulto dentro de cada adolescente], Epstein sugere que a atual visão que se tem a respeito da adolescência é uma ficção, uma invenção industrial.

Em sociedades pré-industriais, os adolescentes trabalhavam no campo e ajudavam em casa. Aprendiam a ser adultos, convivendo entre eles. Onde há vínculo com os adultos, o adolescente quer crescer e ser como eles.

Atualmente, aumentou o número de divórcios e as famílias pouco se reúnem. O adolescente vive fechado em seu mundinho, longe dos adultos. A escola os separa por idade e todos recebem os mesmos ensinamentos; deixa-se de lado a questão da individuação e do modo de aprender de cada um.

É a educação em massa.

E os pais, por sua vez, delegam às escolas funções que são da família.

O jovem, assim, se afasta cada vez mais dos familiares.

Restabelecer o vínculo desses jovens com os adultos é questão fundamental: é dar a eles a opção de se tornar adultos, participando do mundo adulto. Se você der ao seu filho a oportunidade de dar um passo em direção à vida adulta, ele lhe mostrará que tem capacidade de seguir em frente.

Infelizmente, os pais querem sempre mostrar aos filhos que eles próprios são os “donos do saber”.

Costumo observar o comportamento das pessoas (principalmente de pais e filhos). Aproveito todos os momentos possíveis para fazê-lo: durante minhas caminhadas diárias, pela janela de meu consultório, no carro, no avião, no ônibus, no banco de um jardim, na praia ou no *shopping*.

As filas demoradas de São Paulo, que enfrentamos nos consultórios, bancos, supermercados, cinemas etc., também me permitem observar como as pessoas reagem ao estresse gerado pela organização ineficiente das instituições e de muitos profissionais.

Certa vez, eu estava em um laboratório de análises clínicas, esperando minha vez para fazer um exame. Não há nada mais irritante do que esperar (principalmente quando se está doente e em jejum).

Comecei a prestar atenção em uma mãe e na filha adolescente. A mãe deveria ter uns 40 anos. A filha, de uns 15 anos, era uma cópia mais jovem dela. Ambas vestiam *jeans* de cintura baixa (uns quatro dedos abaixo do umbigo), extremamente justos. Usavam *top* branco, bordado com florzinhas coloridas. Calçavam botas com plataforma de aproximadamente vinte centímetros. Ambas traziam uma tatuagem no ombro e um *piercing* no umbigo. Os cabelos eram tingidos de loiro, quase brancos.

O detalhe mais importante é que a mãe não tinha o corpo esbelto e jovem da filha. Portanto, o que caía bem na filha ficava ridículo na mãe.

É fato que o relacionamento entre algumas mães e filhas muitas vezes é bastante delicado, fundamentado na inveja e na competição — resquícios do velho Édipo.

Eu intuí que surgiria uma boa conversa entre essas duas, e fiquei atenta.

Elas chamavam a atenção de todos pelos gestos extravagantes e pela voz alta (comum nos adolescentes). Sentaram-se e continuaram o assunto que vinham conversando:

— Mãe, mas você vai me levar na casa da Dani, né?

— Puta merda! — respondeu a mãe nervosa, impaciente, em alto e bom tom. — Lá vem você de novo com essa história. Você não para em casa! O que tanto você faz na casa da Dani? Parece até namorada da Dani!

Pensei: “A coisa já começou quente. Como essa mãe responde tão prontamente com tanta falta de respeito (falando palavrão em público) e revida com as ‘duas facas na mão’, insinuando que a filha é homossexual?” Não tenho qualquer preconceito contra a orientação sexual de ninguém. Só acho que isso não é assunto para ser discutido em público.

— Calma, mãe! Eu só pedi para ir à casa da Dani!

— Que calma, que nada! Eu já estou cheia de todo dia você me pedir coisas. Um dia é a casa da Dani, outro dia é o *shopping*, noutro é trabalho na escola, aula de inglês, academia, cabeleireiro...

— Ei, mãe! Espera aí! [interrompendo]: Você é que me obriga a fazer inglês. Já falei que eu odeio estudar inglês.

— Cala a boca que eu ainda não acabei!

Mais uma vez a mãe abusa de seu poder e nega o direito à filha de se explicar.

A garota ia ficando cada vez mais encabulada, enquanto a mãe ia se excedendo. E, com aquilo que acreditava ser seu direito de mãe, virou-se para a vizinha:

— É! Adolescente é assim mesmo, você não acha?! — desabafou a mãe, fazendo cara de vítima. (Nesse momento, ao expor a filha aos comentários alheios, a mãe se excede mais ainda.)

A garota, que até então estava calma, incorporou o papel de adolescente rebelde — aquele que a mãe estava lhe impingindo a desempenhar —, e então começou o velho discurso:

— Ninguém me entende, a minha vida é uma merda! Por isso é que eu gosto de ir para a casa da Dani — e saiu pisando duro.

É possível imaginar o rebuliço causado no laboratório. O mais lamentável é que a maioria dos adultos tomou o partido da “pobrezinha da mamãe”, pois a filha assumiu a postura irreverente que os adolescentes costumam adotar.

O laço entre mãe e filha contém elementos de inveja, rivalidade e competição. Mães e filhas são mais íntimas entre si do que mães e filhos e pais e filhos. Certamente, a situação poderia ter sido evitada se a mãe, com bom-senso, respondesse à primeira pergunta da filha desta maneira:

— Vamos deixar para conversar sobre isso em casa, tudo bem?

Educar exige bom senso.

No Brasil, as mães são as maiores influenciadoras dos filhos, principalmente das meninas, pois servem de modelo para elas. Uma falha nesse modelo gera consequências na imagem corporal, na autoestima e nos relacionamentos das meninas.

Para ajudar um filho, primeiro você precisa saber como ajudar a si mesmo — e a resolver seus próprios problemas.

O amor parental não é estático. Ele muda com o tempo, conforme os filhos crescem. Você precisa sempre atualizar seu modo de sentir e amar.

Os pais unilaterais prejudicam muito seus filhos, pois é preciso saber ser “doce” e “enérgico” ao mesmo tempo.

O importante na transmissão do amor é saber dizer ao filho que você confia em seu potencial, na sua capacidade de enfrentar e resolver problemas e de se sentir feliz.

Deixem claro para o seu filho as regras e os limites que a família segue, simplesmente porque vocês acreditam nisso e se sentem seguros. Porém, não se isentem de transformar esses limites e de adaptar as regras se for necessário.

Todos os filhos desejam e necessitam admirar seus pais. Infelizmente, algumas uniões se desequilibram quando nascem os filhos e o casamento se torna vulnerável quando eles entram na adolescência. Os casais se assustam, mas é preciso saber que isso não acarreta necessariamente o fim da relação. Quando essa fase passa, o vínculo se fortalece.

No momento de estremecimento da relação, ou mesmo da separação do casal, geralmente os pais se aconselham com os filhos ou os “metem” na briga, esquecendo-se de que, por mais amadurecidos que seus rebentos aparentem ser, eles não têm a maturidade psicológica e emocional necessária para suportar o sofrimento — nem o dos pais, nem o deles próprios.

Quando temos filhos adolescentes, revivemos nossa adolescência. É a separação bem-sucedida de nossos pais que nos tornará seguros para ajudar nossos filhos.

Escrevo este livro em favor dos adolescentes. Respondo ao pedido dos pais e educadores que leram meu primeiro livro e assistiram às minhas palestras.

Quero dizer novamente que, por mais que eu possa escrever, orientar, ensinar, não posso dar a ninguém o entendimento. Gostaria também de dizer que nada, nem ninguém, substitui a presença da família.

É muito cômodo olhar para o filho e dizer: “Meu filho é um problema”. O difícil é olhar para si mesmo e descobrir o que há em você que gera “o problema” do seu filho.

Os trechos dos poemas que encabeçam cada capítulo deste livro (ou que aparecem no final de alguns deles) são de Fernando Rinaldi, um jovem e querido amigo meu, que tinha 16 anos à época em que os escreveu.

Um adolescente, portanto.

Nós nos conhecemos quando ele tinha 4 anos. Naquela época, ele já demonstrava paixão pela literatura. Ditava as histórias que criava para que o avô as escrevesse.

Reflita sobre os poemas. Tire os olhos que examinam o seu filho e volte-os para si. Veja o que está acontecendo com você e com o ambiente em que você e seu filho vivem. Você vai saber o que está acontecendo com seu filho.

Minha experiência clínica mostra que não existe trabalho melhor contra o uso das drogas, pela prevenção da violência e formação do bom cidadão, do que aquele exercido dentro da família. Nada supera uma boa estrutura e um bom modelo familiar.

Depois de uma fase de grande desestruturação, as famílias se configuraram em um novo modelo. Acredito que foi justamente nesse espaço de transformação que os antigos valores educacionais, éticos e morais foram revistos e muitos deles deletados, levando os pais a se perderem em seus papéis.

Muitos dos pais que me procuram perguntam:

— Betty, meu filho está crescendo. E agora?

Devolvo-lhes a pergunta:

— E agora o quê?

E aí eles apresentam uma série de dificuldades: como falar sobre as mudanças corporais? Como falar sobre drogas? Como falar sobre sexo? Como fazer meu filho se interessar pelos estudos? Como fazê-lo se desligar das más influências? Como fazê-lo sair do quarto e se interessar por algo?

Ou, ainda: por que meu filho não me conta seus problemas? Por que ele só ouve música o dia inteiro? Por que ele só anda malvestido?

E mais:

— Ele anda fumando demais! Tudo que eu faço está errado! Ele apenas diz: “Desencana!” E pensa que dinheiro cai do céu! E me diz que “quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro!” Ele não sai do quarto, só pensa em estudar! Outro dia, eu o peguei na cama com um amigo. Por que tudo tem de ser “na porrada”? Por que ele só se mete em encrenca? Tem atração pelo perigo? Não aceita limites! Não tem amigos.

Todos os pais se apavoram com as mesmas questões...

Talvez você se tranquilize ao saber que esse não é um “carma” exclusivamente seu. Tentarei orientar você, leitor, nessa difícil, porém gratificante — e muitas vezes frustrante — tarefa de ajudar os jovens em seu desenvolvimento. Espero, assim, transformá-los em facilitadores da aprendizagem e do crescimento de seus filhos.

Não pretendo dar receitas. As pessoas são únicas. O que serve para uns pode não servir para outros — e as receitas dependem também de quem as prescreve.

Acho importante mencionar que sou a favor de todas as medidas, governamentais ou não, que buscam educar e proteger as crianças e os jovens.

Sou favorável à censura na TV e no cinema, e também ao “toque de recolher” para menores, às 22h. Você pode me contestar e dizer que isso é abusivo, que tira o direito das pessoas, que é abuso de poder etc.

Concordo com você, porém essa posição decorre do meu trabalho com famílias e escolas. Vejo professores e pais desesperados e perdidos com a onda de liberalidade em que vive-

mos — e com suas consequências. Vejo pais que não conhecem os filhos e não têm noção de como educá-los. Vejo pais ausentes e omissos.

A juventude está extrapolando. Nossos jovens estão morrendo e matando. Está mais do que na hora de contê-los, infelizmente por meio de medidas fortes. Não dá mais para contar somente com os pais. Os filhos lhes fugiram ao controle.

Se você não sente dessa maneira é porque não precisa de ajuda externa. Parabéns! Talvez você também não saiba o que se passa com as famílias que dela precisam. Pense um pouco nisso.

A geração presente me preocupa. Nossas crianças perdem a infância: não brincam mais e, portanto, adoecem mais. Em meu livro *Criando filhos em tempos difíceis*, faço uma grande exposição a respeito das consequências do não brincar para o seu desenvolvimento.

Desde muito cedo, infelizmente, nossas crianças ficam presas à TV, vídeos e computadores, expostas a todo tipo de mensagem, o que gera uma sobrecarga de informações que elas ainda não conseguem assimilar.

Inicia-se uma estimulação precoce e elas passam diretamente à puberdade sem as condições necessárias para entender tudo.

A mídia é responsável, sim, por uma série de comportamentos inadequados: crianças sexualizadas demais, violentas, obesas, apáticas.

É preciso censurar a programação da TV, embora ela não seja a única responsável pelo que anda acontecendo.

A compreensão do que está escrito neste livro é pessoal. Portanto, recorra ao bom-senso, à capacidade de análise e crítica e à criatividade.

1 Limites



*Eu cresci para além de mim
E esbarrei nas minhas bordas.*

“DIGA QUE SIM, DIGA QUE NÃO”

OS JOVENS PEDEM LIMITES — e precisam deles. Fala-se muito em impor limites, mas não se explica *como* fazer isso. Encontro pais tão desorientados com a questão que acabam espancando o filho, embora essa não seja a intenção.

Os limites devem ser dados de forma lúdica, afetiva e firme ao mesmo tempo. A firmeza não exclui a delicadeza. Colocar limites é uma maneira de preservar o vínculo afetivo, tão necessário ao estabelecimento de uma relação de confiança entre pais e filhos.

Você vai me questionar:

— Quer dizer que não posso brigar com meu filho? Dar-lhe uma ordem? Não posso lhe dizer “NÃO”?

Respondo:

— Pode e deve.

Mas a maioria dos pais apenas sabe fazer isso, e depois me diz que não consegue dialogar com os filhos. Pudera! É sermão em cima de sermão!